

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Manuel Sousa

registada em 2008-09-19
por

Carla Aguiar e Joana Ribeiro

Manuel Sousa

Manuel de Sousa nasceu em Chãs d'Égua, a 5 de Dezembro de 1916. O pai era Manuel Sousa da Silva e a mãe Maria José de Sousa. Eram os dois de Chãs d'Égua. O pai foi trabalhador do campo e ainda andou por Lisboa e Espanha. Mas a mãe aguentou-se na terra. Manuel era o mais velho de sete irmãos. O primeiro correio do Piódão para Chãs d'Égua foi ele que fez, com 6 para 7 anos. Mas aos 9 deixou “porque já podia ir buscar uma lenha ou um mato ou qualquer coisa”. Não foi à escola porque não havia. Mas o pai e o avô ensinaram-no a conhecer as letras e a juntá-las. Foi para o Ribatejo com 12 anos, no trabalho do campo. A partir dos 17 anos foi para as Minas da Panasqueira, mas só lá esteve seis meses. Esteve um ano em Lisboa, de ajudante de uma camioneta e depois na União Fabril “a lombar sacas entre 50 e 100 quilos”. Foi à inspecção militar. Depois regressou novamente para as Minas da Panasqueira, por dois anos. Foi aprender de alfaiate em Casegas. Regressou a casa para ajudar a fazer a sementeira. Voltou para as Minas da Panasqueira, mas desta vez para aprender de alfaiate, já tinha 22 anos. Regressou novamente à aldeia para ajudar o pai e depois partiu para Lisboa onde trabalhou de alfaiate, primeiro numa alfaiataria e depois por conta própria. Mais tarde continuou a trabalhar de alfaiate em Chãs d'Égua durante 49 anos. Conheceu a esposa nos braços, “era ela pequenina”. O casamento foi no Piódão e a festa em casa dela. Tiveram quatro filhos: dois rapazes e duas raparigas. Manuel reformou-se pela agricultura aos 65 anos, mas já tinha deixado de trabalhar de alfaiate. Mas só aos 85 anos, deixou de cavar a terra.

Índice

Identificação Manuel de Sousa.....	4
Ascendência Manuel e Maria.....	4
Casa Dez pessoas à mesa.....	6
Infância "Em podendo com a mala faziam o correio".....	7
Educação "O Manel era tudo".....	8
Percurso profissional O campo, as minas e a costura.....	9
Namoro Conheceu-a nos braços.....	18
Casamento Noivos e covidados a pé para o Piódão.....	19
Descendência "Não é preciso ir para fora".....	19
Costumes As festas e as curas.....	20
Lugar "Esta aldeia é uma cidade".....	21
Quotidiano "Deixei de cavar aos 85".....	22
Sonhos "O que não tenho não gostei de ter".....	22

Identificação *Manuel de Sousa*

O meu nome é Manuel de Sousa. Nasci, em Chãs d'Égua, a 5 de Dezembro de 1916.



Manuel de Sousa (Lisboa, 1936)

Ascendência *Manuel e Maria*

O meu pai era Manuel Sousa da Silva e a minha mãe Maria José de Sousa. Eram os dois de Chãs d'Égua. O meu pai foi trabalhador do campo. Cultivavam batatas e o milho para fazer a broa. Vivia-se do que se criava. Só a mercearia é que se comprava. O resto, batatas, feijão, milho e azeite, era tudo do nosso lavrado. Das nossas terras. A minha mãe faleceu com 71 anos e o meu pai foi com 101 anos e quatro meses e meio.



Pais de Manuel de Sousa

O meu pai ainda andou por Lisboa, em Espanha, andou em vários lados. Mas a minha mãe aguentou-se na terra. Só foi uma vez a Lisboa, em 1930.



A irmã Maria e o pai no dia do seu centésimo Aniversário (7 Janeiro de 1992)

Éramos sete irmãos, só o mais velho, que era eu, e a mais nova é que ficámos em Chãs d'Égua. Os outros casaram e ficaram em Lisboa a trabalhar. Já morreram três, o José e o António, dos rapazes. E das raparigas morreu a Maria.

Casa Dez pessoas à mesa

A casa dos meus pais não era como agora, com ouros e essas peças. Não. O açúcar era só quando estávamos muito doentes. Nem se tomava café de manhã como agora se faz. Era pão e comida caseira cá da zona. O pão era nosso, do milho que se cultivava. Moía-se, tínhamos na aldeia moinhos para moer. Tínhamos forno. Tínhamos tudo. Era tudo caseiro. Era tudo feito pelas nossas mãos. Chegámos a ser dez pessoas em casa. A minha avó materna ainda esteve alguns anos connosco. Morreu o meu avô, depois a minha mãe, era filha única, teve que se aguentar com ela. De maneira que chegámos a ser dez pessoas sentadas à mesa.



O pai Manuel Sousa da Silva, nas Minas da Panasqueira, em 1921

Trabalhava-se de dia, e à noite ia-se para casa fazer o que, naquele tempo, chamavam a ceia, ou seja, o jantar. Depois em casa dos meus pais havia um hábito, que já vinha da casa do pai do meu pai. Em casa do meu avô, nunca iam para a cama sem rezar o Terço em família. E de manhã, quando se levantavam, antes de saírem para o trabalho, ainda lá iam fazer uma oração qualquer à frente do crucifixo, que ofereciam o trabalho e o sacrifício de irem logo de manhã. Ainda sem passarem por eles, já ofereciam. Era um hábito. O meu pai ainda quis fazer o mesmo, mas depois começou a esquecer, a esquecer... Mas o Terço rezava-se em casa dos meus pais. Eram costumes que houve sempre enquanto eu estive em casa, até aos meus 22 anos. Mas antes dos 20 anos até pequeno, até me começar a lembrar de certas coisas passei por muitas.



Manuel de Sousa (no plano mais alto), com os pais e os irmãos (Chãs d'Égua, 1939)

Infância *"Em podendo com a mala faziam o correio"*

O primeiro correio do Piódão para Chãs d'Égua, fui eu que fiz. Tinha 6 para 7 anos. O meu pai foi lançar-me no correio, em Arganil. Quem fizesse por menos é que ficava com ele. E havia um homem no Piódão que conduziu o meu pai. Disse:

- "Ó Manel, vais tu te lançar no correio. Tens lá miúdos em casa e aguentas com aquilo algum tempo."

E eu era o mais velho. Era muito pouquinho dinheiro. Eram só 6 tostões ir de Chãs d'Égua ao Piódão e voltar. E então, como eu era o mais velho dos filhos, comecei a fazer o correio. O meu pai era o responsável e mandava fazer os filhos. Eu, quando cheguei aos 9 ou aos 8 anos, já não me deixaram fazer o correio. Já era um irmão meu que já ia fazer, porque eu já podia ir buscar uma lenha ou um mato ou qualquer coisa, já me achavam mal empregado. Então, ia ao mato com os meus pais e mandavam o meu irmão fazer o correio, porque não era preciso força. Ia com a mala ao ombro. À medida que os meus irmãos iam crescendo, iam fazendo até à minha irmã mais nova. Todos passaram pelo correio. Em podendo com a mala:

- "Vai lá fazer o correio!"

E ela ia. Nessa altura, quando ela começou, já eu tinha 20 anos. Talvez já tivesse ido à inspeção militar. Mas todos passáramos pelo correio. Saía da estação do Rossio um comboio, parece-me que era às sete horas da noite. Ao outro dia, ao meio-dia, estava cá em cima. Era rápido. Naquele tempo, todo o mundo cumpria à recta. Era diário, até ao domingo. Não havia falhas. Nem se um dia estivesse a chover muito. Tinha de andar à mesma. A pé para o Piódão. E, às vezes, os barrocos cheios de água até aos joelhos. Mas tínhamos de andar sempre. Eu e os meus irmãos. Depois deixáramos de fazer o correio ao domingo. E agora, já nem há correio. Agora é um carteiro de Vide. Traz o correio da Vide para cima, dá a volta pelas serras, vai para o Torno e outra vez para a Vide.

Educação "*O Manel era tudo*"

Eu não fui à escola porque não havia. Eu nasci em 1916. E, só em 1930, é que abriu a escola em Chãs d'Égua. Mas o meu pai ensinou-me a conhecer as letras. Também ele já tinha aprendido com o pai. E o meu avô materno ensinou-me a juntá-las. O nome do meu avô era José Moreira. Depois o meu pai foi-se embora para Lisboa e eu, quando vi que ele se ia embora, digo assim:

- Então pai, comprou-me um livro para eu aprender e agora vai-se embora? Quem é que me ensina?

- "Eu vou falar com o teu avô. Ficas incumbido ao teu avô".

O meu avô gostava muito de mim, porque eu era neto e afilhado. Não era só neto. Ele é que me baptizou. O meu avô e a minha avó. De maneira que gostava muito de mim. Era o neto mais velho e sempre, até ao final, fui o querido dele. A minha avó tanto acarinhava uns como acarinhava outros, mas o meu avô era uma coisa que eu tinha com ele.

- "O Manel, o Manel, o Manel!"

O Manel era tudo para ele. O meu avô depois é que me disse como juntar as letras. Escrever o nome foi a primeira coisa. Era no Inverno, à noite. Acabávamos de cear, que naquele tempo não se falava em jantar. O jantar era ao meio-dia, mais ou menos. E então ele ensinou-me a juntá-las. A pedra era uma lousa, das casas, não era em caixilharia como agora há. Que já há muitos anos, porque os meus filhos já foi tudo com pedras com caixilhos em volta. Era uma pedra qualquer, escura, que era para sobressair mais o lápis. Era com um lápis de pedra, que se escrevia e fazia contas e tudo isso. Mas eu contas pouco. Poucas fiz com o ensino do meu avô. Era mais escrever só. E com 10 anos, quando fui para a Borda d'Água, lá para os campos de Santarém, já escrevia. Já escrevia as cartas para a minha mãe e escrevia, para Lisboa, para o meu pai. E os correios entendiam-se com aquilo. Elas vinham ter ao destino. Felizmente, nunca se me perdeu carta nenhuma. E ainda fazia cartas para os meus companheiros, que lá andavam. Eram sete de Chãs d'Égua e, desses sete, só eu é que escrevia as cartas para mim e para eles. Eu hoje ponho-me a pensar:

- Não sei como os correios se entendiam. É preciso já ter tática da vida.

Percurso profissional *O campo, as minas e a costura*

Rapazes, rapazitos e homens

Eu fui para o Ribatejo com 12 anos. Fui lá fazer os 13 e os 14 anos. Depois fiquei até aos 17 anos em Chãs d'Égua, porque não havia quem contratasse a gente para ir para trabalhar. Nessa altura, era homem de perto de Alvoco de Várzeas. Vinha aí à procura de pessoal. Vinha em Agosto, princípio de Setembro. Aceitava rapazitos, rapazes mais criados e homens. Era tudo o que calhava. O primeiro trabalho que eu fiz, no Ribatejo, foi em proveito do Duque de Palmela, que era um duque de Lisboa, da Quinta da Lagoalva de Cima. Tinha vinhas e tinha muito azeite. Andávamos dois meses e tal a apanhar azeitona. O nosso rancho era de 48 pessoas. E andava outro rancho de 50, perto de Oliveira do Hospital, mas metade estava no lagar. E ainda havia o rancho de Albergaria, que é ali para baixo de Coimbra. Éramos todos a apanhar a azeitona. Então, lá estive dois anos seguidos. E depois fui outro ano para os campos do Carregado, de Vila Franca de Xira e Vila Nova da Rainha. Andámos ali naquelas zonas a trabalhar por conta de um Marquês, que havia ao pé do Carregado. De maneira que era trabalho de campo. Começávamos na vindima, depois a azeitona e a última coisa que fazíamos eram as ceifas do trigo.

Lombar sacas

A partir dos 17 anos fui para as Minas da Panasqueira. Ganhava 8 escudos, era o ordenado de mineiro. Estive lá só seis meses. Depois voltei a Chãs d'Égua e fui estar um ano em Lisboa. Fui à inspeção militar. Depois vim para cima e fui novamente para as Minas da Panasqueira. Estive lá dois anos, porque naquele tempo era difícil arranjar trabalhos. Era um sacrifício para se ganhar pouco. Os ordenados eram baixinhos. Em Lisboa, pelo meu trabalho estive a ganhar nove escudos, de ajudante de uma camioneta. A carregar camionetas e a descarregar. E depois deixei isso e fui trabalhar, para uma fábrica da União Fabril, a lombar sacas entre 50 e 100 quilos. Era conforme vinha a descarga. Umás vezes vinha de 50, outras vezes vinha de 100. Era um adubo amónio para botar nas terras. Também amendoim e outras sementes para fazer óleos. Chegámos a andar semanas inteiras a trabalhar para chegar de mar para terra. Tinha uma prancha estreitinha e nós tínhamos de fazer aquilo tudo para ganhar 12 escudos. A lombar sacas de 100 quilos. Nós descarregávamos tudo de mar para terra. E depois dali, vim outra vez para a terra.

O cartão 200

Depois dos dois anos na Panasqueira fui aprender de alfaiate em Casegas, na Beira Baixa, com o António Marcelino Saraiva. Esse é que foi o meu mestre. Estive lá pouco mais de um ano. Mas aquilo foi uma coisa assim de um momento para o outro. Foi uma chatice que apanhei de trabalho, nas Minas. O meu pai fez-me vir para casa para ajudar a fazer a sementeira. Quando andava nas Minas da Panasqueira, andava lá mais um irmão meu. Depois o meu pai disse:

- "Olha, vem agora a sementeira. Tem que vir um para casa para me ajudar a fazer a sementeira, porque eu não posso fazer."

Os meus pais ainda tinham umas terras e era tudo à enxada. Não era lavrado. Era tudo à enxada do homem.

- "De maneira que eu por mim não posso. Não me aguento sozinho. Tem que vir um para casa."

- Então, pai, agora veja lá qual é que vem.

Eu escolher e o meu irmão escolher não podia ser. Ele só pedia um. O outro ficava lá a ganhar alguma coisa para as despesas da casa, porque o meu pai já não ganhava dinheiro. Fazia o trabalhinho das fazendas, ia lá pelos vagues dele e ia andando. Agora outra coisa não. Depois disse:

- "O Manel há mais tempo que anda lá na Panasqueira. Vem ele e fica lá o Zé, que lá anda há menos tempo."

E eu vim. Mas vim só com intenção de ajudar a fazer a sementeira e depois saía. O meu pai depois de me cá apanhar, acabou a sementeira, diz ele:

- "Olha, deixa-te só mais uma temporada para me ajudares. Eu sinto-me cansado."

E eu, claro, tive que assistir. Depois, voltei. Eu tinha o meu cartão das Minas da Panasqueira, que era o 200. Ainda me recordo. Era o cartão 200 dos mineiros. E, nessa altura, já lá andavam 2000 e tal. Na última semana de Agosto, eu fui lá levar o comer ao meu irmão e depois pedi trabalho. Cheguei lá e já tinham dado o meu número. Eu fui ter com o encarregado, que me disse:

- "Tive o teu cartão muito tempo aqui na minha mão. Mas, como agora pediram-mo, eu tive que o dar e agora não sei se ele já estará dado a outro. Se ainda estiver em teu nome... Não sei. Olha, vai ao escritório saber."

E eu fui lá. Eu conhecia o Soares, que era o senhor que tratava disso.

- "Ó senhor Soares, eu precisava daquilo."

- "Então, já há um tempo que não te vejo!"

E eu disse:

- Olhe, desde Abril.

E foi. Tinha sido de Abril para Agosto.

- O cartão 200 em que nome é que está?

E ele disse-me que era um sujeito do Minho. Era pessoal que lá andava também do Minho. E eu disse:

- Então, não está no nome de Manuel Sousa?

- "Não."

Ele foi ver e diz:

- "Olhe, passou de Manuel Sousa para um sujeito que pertencia a Viseu. Por isso, agora já não pode ser"

- E não há esperanças de haver admissão de mais pessoal para aí?

Diz ele assim:

- "Olhe, isto não é com falta de trabalho. A Companhia não tem falta de trabalho, não. Andam aí uns senhores que não são cumpridores dos seus deveres, não querem trabalhar. Então, a Companhia resolveu pôr esses de parte, de mandá-los embora."

Naquele tempo não havia esse decreto de os indemnizar nem coisa nenhuma. Não sabe, vai-se embora!

- "Antes de Outubro não vai haver admissão nenhuma. Agora só na escolha. A partir de Outubro, por diante, é que poderá haver. Mas, se houver, vem cá e és admitido. Porque tens dois anos de trabalho e não tens falha nenhuma."

Em dois anos tinha perdido um dia. É o que era a nossa pontualidade. Mas eu ia para casa, pela serra e não sei por que maneira é que me passou pela ideia de me tirar disto. É quando eles querem, não é quando nós podemos. Mas não saí por um capricho. Saí pela necessidade de ajudar o meu pai. Depois, cheguei a casa à noite e:

- "Quando é que voltas?"

- Olhe, não volto mais.

- "Não voltas mais porquê?"

- Fui lá ter com o senhor Soares, que é a pessoa que está incumbida dessas coisas e ele disse-me que só a partir de Outubro. Há aí umas coisas, têm estado a despedir, mas não é por falta de trabalho. Não, é uma escolha que andam a fazer ao pessoal.

- "Então, há-de ser o que Deus quiser."

- Eu tenho o que fazer. - cá para comigo.

O meu pai tinha o que fazer mas eu, com 22 anos, tinha que pensar um bocadinho. Não era só no futuro dos meus pais. Também no meu futuro, o dia de amanhã. Antes não. Sempre disse e digo: um rapaz que pensar em se casar antes dos 20 anos é uma asneira, porque ainda não tem a vida cumprida, tropa e tudo isso. E depois é um problema. O meu pai casou com 23 anos. Saiu da tropa e casou-se. Resolveu a vida dele. E eu também segui o mesmo caminho. Depois comecei a pensar. Outro dia fui para a cama, mas a minha ideia lá estava trabalhando. De manhã, levantei-me e digo para o meu pai:

- Ó pai, estive esta noite a pensar, ainda vou aprender alfaiate!

- "Ai, tu agora, olha se querias aprender de alfaiate tivesses aprendido quando eras mais novo."

- Pode ser que ainda vá a tempo.

- "É contigo. Mas, olha, pensa e vem aqui para baixo."

"Parece que se se encaminha"

Fui a Pomares. Estava lá um alfaiate, procurei-o. Disse-me:

- "Olha, eu estou até em deixar esta vida, porque estou a tomar conta de uma resina aí por minha conta e, para estar aqui, não posso trocar a resina."

E a resina, naquele tempo, dava dinheiro. Então avancei. Fui a Vila Cova, vi um alfaiate logo à entrada, à direita. Numas casinhas baixas que ali há para cima. Ele tomava conta de mim, mas não tinha onde me deitar. Só tinha a casinha dele, que era pequena. Já tinha um miúdo, tinha duas camas em casa e não tinha mais espaço para fazer a cama para mim. Avancei. Passei no Barril de Alva. No Barril havia lá um sujeito, que também era alfaiate, no tempo que andou na

tropa, era conhecido do meu pai. O meu pai dirigiu-se àquele a ver se trabalhava. E ele disse:

- "Olha Manel, já não trabalho. Mas, olha, vai aqui a Coja que lá há uns três ou quatro alfaiates. Pode ser que arranje lá."

Fôramos a Coja. Todos se queixavam que não tinham quarto onde me fazer a cama. Volta para trás. Viemos direitos a Avô. O alfaiate que lá estava virou-se para o meu pai e disse:

- "O senhor, então, tinha vontade que o seu filho fosse alfaiate?"

- "Sim, ele quer e eu ajudo naquilo que puder."

- "Olhe, então mande-o para Coimbra. Compre uns livrinhos e mande-o para Coimbra estudar, que ele sai mais depressa doutor do que sai de alfaiate!"

Eu fiquei triste com aquela história. Abalei, fui à Aldeia das Dez que é ao pé do Santuário da Senhora das Precês. Cheguei lá. Eu, para onde ia, queria sempre que me dessem de comer e cama. Quer dizer, saía da casa dos meus pais mas encostava-me a outros pais. A uma mulher que tomasse conta de mim, que me desse de comer, tivesse roupinha lavada e tudo isso. E ele estava pronto a aceitar-me, mas a mulher começou a dizer que não, que não, que não.

- "Nós, se o almoço não estiver pronto ao meio-dia, está à uma. E, com pessoas de fora, já não pode ser, tem de haver pontualidade."

E eu disse:

- Ó minha senhora, olhe que eu também não venho habituado a essas certezas. Em minha casa, a minha mãe trabalha no campo. Por isso, eu não estou com essas coisas à recta. Quando for bom para vocês também é para mim.

Depois não fiz nada. Vim para casa. Vínhamos no Torno, que a gente passava aí para vir para os Chãs d'Égua, vinha ali e não sei por que maneira dei com os olhos na serra, em cima. Lembrou-me daquele alfaiate que eu conheci quando andava nas Minas da Panasqueira. Via-o a andar com os casacos, para entregar aqui e acolá, ou os panos para levar para fazer, mas não sabia bem o nome dele. Sabia que ele era Saraiva, mas o resto não sabia mais nada. E lá fui, mas aí já não levei o meu pai comigo. O meu pai ficou e eu fui. Depois cheguei, procurei o alfaiate Saraiva que ia fazer os fatos para os empregados de escritório da Panasqueira e engenharia. Lá me ensinaram. Eram duas mulheres, dizem elas:

- "Então, deve ser o António Saraiva".

E eu, então, por António Saraiva fui lá. Tanto ele como ela abriram-me à vontade, para tomarem conta de mim. E eu fiquei satisfeito. Dali a um bocado:

- "Vai comer qualquer coisa."

- Não quero, não quero. Não quero comer. Só quero que me diga quando é que venho começar. Diz ele:

- "Olhe, venha quando quiser."

Disse então:

- Perdido no meio da semana não adianta. Então, venho de ontem a oito dias. E assim foi. Vim para casa, disse para a minha mãe:

- "Prepare-me a roupa que eu vou para Casegas e tenho que levar a roupa pelo menos para a primeira e para a segunda semana. Não sei se virei de oito dias, não sei. Vamos lá ver agora como é que é. Preciso de levar duas mudas de roupa.

Eu lá no trabalho não me sujava, mas levava uma segunda roupa de reserva. Para lá fui e lá estive. No domingo a seguir, ainda cá vim. E os meus pais:

- "Então que tal?"

- Aquilo parece que se encaminha. Vamos a ver. Se continuar como foi esta semana, eu vou continuar.

Para lá fui. Estive então um ano. Aprendi de alfaiate a pegar na agulha. Eu nem sabia qual era o dedo que pertencia ao dedal. E já tinha 22 anos. Custou a domar mas, enfim, eu já estava corrido o mundo. Já andava farto de aturar o mundo. De maneira que fui aprender e levei a cruz ao calvário. Aprendi e, durante o tempo que frequentei a vida de alfaiate, nunca me faltou côdea. Nunca! A primeira coisa que aprendi foram uns pontos à mão, numas calças. Foi a primeira coisa que me deram. E eu ao pé de duas costureiras. Ficou bem cosido mas o tempo que levou é que não sei. E logo no mesmo dia espetou comigo na máquina. Ora eu nunca me tinha visto numa máquina. Nunca me passou pela ideia. Entretanto, o meu pai tinha uma casa para arranjar. E eu e um outro irmão meu é que dávamos serventia aos pedreiros. Estive na aldeia um mês e tal. Depois fui para Casegas. Estive lá outro mês, e depois vim-me embora. Foi então quando fui trabalhar para Lisboa. Eu já tinha um bocadinho de luzes para trabalhar sozinho.

A primeira máquina

Em Lisboa arranjei trabalho numa alfaiataria e lá estive ainda uns cinco meses. Estavam lá um rapaz e seis costureiras. O dono da alfaiataria estava doente e o médico mandou-o ir para o Algarve, que ele era de lá. Mandou-o ir para lá estar uns dias a ver se arribava de saúde, pelas mudanças de ares e tudo isso. Depois o homem para lá foi e eu fiquei. Eu fui para o lugar do rapaz que lá estava e o rapaz passou à mesa de corte. Passados 15 dias, aparece lá a viúva com um telegrama para lá ir, que ele que já tinha falecido. Ela lá foi fazer o funeral. Chegou a Lisboa, mandou acabar a obra que estava entre mãos, já começada, e mandou-nos embora, a todos. Fechou a porta. Ainda dei mais umas voltas, não consegui arranjar trabalho. Então, comprei uma máquina. Os rapazes da minha terra, que havia lá muita gente, naquela altura, diziam:

- "Eh pá, arranja uma máquina e um quarto aí e começa a trabalhar!"

Meteu-se aquilo na cabeça e comprei uma máquina. Mas nem tinha dinheiro para a máquina nem coisa nenhuma. Fui ter com uma pessoa que eu sabia que tinha dinheiro. Se ele me emprestava.

- "Então não empresto? Sim senhor, empresto pois. Quanto é que queres?"

- Olha, ainda não comprei a máquina, mas vou comprá-la. Se não for numa casa, é noutra. Eu vou comprar uma máquina. E depois é que sei o que é preciso e venho buscá-lo.

- "Está bem, pronto, é o que for preciso."

Comprei a máquina. Ele deu-me o dinheiro e paguei. Comprei um ferro, comprei tesoura, comprei tudo. A máquina custou-me 750 escudos. Não a comprei nova, mas estava em estado novo. Ainda a tenho. Comprei na Rua da Esperança, em Lisboa. E depois arranjei um quarto ao pé dos outros que lá estavam a morar. Havia lá um que ainda era meu conhecido e parente, que era de Malhada Chã. Disse-me logo:

- "Ó Manel, podes vir para aqui tratar da roupa da gente!"

Isto foi em Janeiro. Andei lá a trabalhar e ainda fiz uma data de fatos para gente da terra e do Piódão também. Eram todos conhecidos. Começaram a gostar do meu trabalho. Um dia, aparece-me lá uma carta do meu pai:

- "Sabes que morreu o tio António Pereira. - era um alfaiate, tio da minha mulher - Agora, estive a conversar com a mulher e está-me a perguntar por ti. Se tu cá estivesse, tinhas muito o que fazer, que ele já não conseguiu fazer. Até podias tomar conta daquele trabalho..."

Meteu-se aquilo na cabeça. Passados poucos dias arranquei, fui embora de Lisboa. Foi no fim de Julho. Deixei a casa e fui para Chãs d'Égua. Esse alfaiate, irmão do pai da minha mulher, não tinha herdeiros. Quando morreu deixou a máquina para a sobrinha. Mas estava muito suja. Eu casei-me no dia 22 de Agosto de 1942 e, no dia de São Miguel, que é o dia 29, desmanchei a cabeça toda, por cima. Não era serralheiro, mas eu já tinha uma visãozita. E aquilo que metesse na cabeça eu tinha de fazer. Se não fazia numa hora, fazia em duas, mas tinha que o fazer, tinha que lhe dar saída. Limpei-a toda bem limpa, meti as peças, botei-as para um alguidar grande, lavei aquilo com petróleo, passei a limpo, depois oleei toda, e comecei a encamar. E a máquina começou boa. Só a lançadeira é que estava um pouco gasta. A lançadeira é onde a gente mete a bobine das linhas. Mete a bobine das linhas, guarda ali e depois aquilo é ligada ao tubo que está em cima da cabeça. Ligam uma coisa com a outra, depois fazem o laço, a própria máquina é que faz o laço. A de baixo com a de cima. A agulha vem abaixo e vem acima, passa, e fica a costura feita. Comecei a trabalhar com ela, foi a minha máquina toda a vida! A que tinha comprado em Lisboa, onde o meu filho trabalhava, era mais fraca um bocadinho. A outra dava mais saída. Quer dizer, cada uma roda no volante, porque, por baixo, dava dois ou três pontos

a mais no coser. Ora aquilo, como era de manhã até à noite, quando era noite, já tinha dado mais uns pontos.

Então, comecei a trabalhar em Chãs d'Égua e fiquei-me a escrever com a pessoa que me ensinou. Escrevíamos de vez em quando um ao outro, e ele procurava sempre:

- "Que tal te arranjas?"

Depois escrevi-lhe uma carta e entreguei a uma irmã minha que passava lá ao pé da terra dele. Ela lá lhe chegou à mão. Ele escreveu-me logo uma carta e mandou-a, pelo moleiro, para me entregar. A pedir-me para eu ir imediatamente lá ter com ele. E depois eu fui. Cheguei lá, fez-me lá estar. Ele tinha um calo, um "repisado", da tesoura de corte, que ele trabalhava muito. Andava com o braço ao peito, e tinha uma festa numa terra chamada Orondo, ao lado. Tinha os fatos lá para aquela festa da Senhora do Carmo.

- "Ó Manel, ficas cá até pelo menos safar estes fatos?"

E a festa era na mesma altura da de Chãs d'Égua. E eu já tinha fatos para fazer. Diz-me ele:

- "Este aqui já está entre mãos, já estão cortados, é só fazer."

A mulher é que estava sempre na máquina. E duas costureiras ao lado também.

- "Portanto, vamos despachar isto e depois vais então. E fazes outro dia."

Estive até ao dia das festas. De manhã, ainda fui a Orondo levar os fatos que estavam prontos. Depois cheguei a casa, comi alguma coisa e desandei para Chãs d'Égua. A partir daí, nunca mais saí da minha terra para fora, trabalhar para parte nenhuma. Ele, às vezes, chamava-me. Ainda lá ia acudir a uma enrascada qualquer, passar uma semanita ou qualquer coisa. Mas, felizmente, tive sempre o que fazer, sempre, sempre. Às vezes, quando era assim pela Páscoa, juntavam-se aí aos 20 e aos 30 fatos para fazer. Se não chegava o dia, chegava a noite. Era assim, sempre a trabalhar, constantemente. Criei quatro filhos. Tudo à base da costura.

Cobrança difícil

Havia três alfaiates na terra, mais velhotes. Dois morreram e o outro disse:

- "Corri com eles, que eles ao pé de mim não faziam nada!"

Porque isto é assim: as terras são pobres e, por vezes, a gente fazia a obra e não pagavam. Era raríssimo entregar a obra feita e pedir contas. Eram conhecidos, a gente não duvidava. De maneira que, às vezes, passava-se um mês, dois meses, três meses e até anos sem que nos pagassem.

Um fato em dívida

Uma ocasião, tive um cliente que me deveu, durante cinco anos, o feitio de um fato. Eu vinha por aqui, ele fugia por ali. Era do Piódão. Um dia, tinha um filho meu em casa. Era novo. Tinha uns 15 anos ou qualquer coisa. Com aquela idade são mais aventureiros, perdem a vergonha. Eu combinei com ele:

- Dou-vos 10 escudos se forem capazes de arrancar o dinheiro daquele gajo.

O meu irmão convidou outro rapaz, que agora até está no Luxemburgo, e o meu filho, que está em Lisboa, para lhe tiraram o dinheiro. Depois ainda lhes dei mais, a cada um, dez ou 15 tostões. Já estava a ver que nunca mais o recebia. E já lhe tinha feito mais fatos e nunca me ficou a dever. Mas lá tomou outras ideias, diz que não tinha, que não tinha e eu tive que aceitá-lo quando mo deram senão não via nada. Mas lá foi, uns davam para os outros. Uns pagavam correctos e outros mais atrasados.

Ainda trabalhei 49 anos para o público. Há coisa de uns 25 anos é que deixei a costura. Noutro tempo, um homem que queria uma camisa tinha que comprar o tecido e depois levar a uma costureira para lhe fazer. Ninguém comprava umas calças feitas, nem um casaco. Eu fazia casacos para homens e para mulher, para tudo. Até saias cheguei a fazer. Quando era para os casamentos, onde estive, nunca lá vi fazer uma saia. Tinha uma irmã da mulher, que era costureira, essa é que fazia isso. Mas fazia casacos para mulheres. Sobretudos. Casacos curtos à homem e compridos até baixo. O casaco que fosse para homem, até tapar o joelho, tinha o nome de casaco a três quartos. Naquela altura, os primeiros casacos e saias que fiz levei 30 escudos. O primeiro que fiz na terra foi para a minha mulher, para o casamento. E depois, para fora, foi para o Piódão, pelo São Pedro, para duas irmãs e uma cunhada. Fiz aquilo tudo a 30 escudos cada fato. Saia e casaco. Naquele tempo, havia o hábito das pessoas trazerem até os botões. Queriam botões conforme o gosto deles. Quando iam comprar o tecido, compravam logo linhas à cor da fazenda e os botões. E, quando vinham ter comigo, era só mão-de-obra. Marcava os fatos com fita métrica e o giz para riscar. Depois, com a tesoura é que cortava. Eu regulava por três dias casaco, colete e calças. Naquele tempo usava-se o colete também. E hoje já ninguém quer colete.



A irmã Maria e o pai no dia do seu centésimo Aniversário (7 Janeiro de 1992)

Namoro Conheceu-a nos braços

Eu conheci a minha mulher nos meus braços, era ela pequenina. Ela nasceu em Novembro e o meu irmão nasceu em Fevereiro. Tinha ela 3 meses quando a conheci pela primeira vez. A minha mulher tinha um irmão gémeo. As crianças nascem e, ali um dia ou dois, as mães não dão alimento. Então, a minha mãe mandou-me ir buscar a Gracinda para lhe tirar o primeiro leite. E eu fui lá buscá-la. Depois a minha sogra dava alimento aos filhos e já precisava de mais. Eram dois, precisavam de mais alimento e a mãe dava menos. Então, como eram dois, disse a minha mãe:

- "Vai ali a casa da tia Maria, ali em cima, e pede-lhe um dos pequenos, o miúdo ou a miúda. Taz um qualquer para lhe dar o alimento."

E eu fui. Recorda-me de ir a casa dela e bater à porta. Estava encostada:

- Olhe, a minha mãe, se for da sua vontade, quer que me dê um dos miúdos para lhe dar o leite que ela agora já tem. E então vim cá.

Primeiro deram-me o pequeno. Vim buscá-lo e ele tirava leite à minha mãe, porque o meu irmão já não era o suficiente, tirava pouco e ela tinha mais leite. Da outra vez deram-me a pequena. Uma vez um e outra vez a outra. E eu trouxe, foi a primeira vez que a pus nos meus braços. Mas algum dia me passou pela ideia que aquela seria a minha esposa? Coisas da vida. O mundo dá tanta volta. E enquanto a minha mãe precisou de alguém que a ajudasse para lhe tirar o leite,

que era demais, vim cá sempre buscá-la. E fomos criados, por assim dizer, quase em conjunto. A povoação era pequena e a gente havia dias que se via a quase toda a hora. E havia outros dias que era só dia sim, dia não. Conhecíamos-nos todos os dias. Eu é que nunca pensei que casava com ela, porque tínhamos diferença de idade. Tenho mais nove anos do que ela. De maneira que nunca pensava. Mas depois o mundo dá tanta volta. Ela tinha um ano e meio quando o pai morreu. Então pedi à mãe a mão dela. Não era mais do que meu dever. Nem foi preciso preparações. Já estávamos preparados há tantos anos. Basta que andei com ela ao colo de pequenina. E eu precisava de uma mulher em casa, para me ajudar.

Casamento *Noivos e convidados a pé para o Piódão*

O casamento foi em casa dela, a nossa agora. Era uma casa velha mas havia alegria e havia comida. E fomos ao Piódão, porque pertencíamos à igreja do Piódão. Lá é que fomos fazer o casamento, no altar da igreja do Piódão. Fomos todos de Chãs d'Égua, a pé, não havia outro recurso. Os convidados e tudo. Ainda eram para cima de 30 pessoas. Até o meu mestre veio ao meu casamento. À noite voltámos, ceámos, e fez-se o casamento. Comemos sopinha, batatas e chanfana. Era a comida que havia. E os bolos, uns coscoréis. Isso não faltava, nestes banquetes assim nunca faltava. Era o doce daquele tempo. No meu casamento não houve baile. Não havia música nenhuma naquele tempo. E fui eu quem fiz a saia e casaco da minha esposa. Era um fato azul. No outro dia fomos trabalhar.

Descendência "*Não é preciso ir para fora*"

Eu tenho dois rapazes e duas raparigas. Ainda ensinei a um filho, o rapaz mais velho, o trabalho de alfaiate. Saiu da escola, fez a quarta classe, então meti-o ao pé de mim e aprendeu. Depois foi para França. Eu não queria que ele fosse. Para comer a gente ganhava na aldeia. Não era preciso ir para fora. Mas meteuse aí com um tio. O tio não sabia ler nem escrever e queria levar alguém para escrever uma carta para a mulher, minha irmã, e para a família. Depois, lá foi. É que mo tirou e foram. Mas contrafeito. Numa noite diz-me ele:

- "Deixa-me ir, deixa-me ir..."

Veio cá o meu cunhado e disse:

- "Ó cunhado, deixe ir o Carlos comigo que eu tomo conta dele."

Eu referi-me sempre que ele era muito novo para ir para o mundo e de mais a mais para a França, que estava longe dos pais, da nossa vigia e tudo isso. De maneira que, depois de tanto de os ouvir, chateado disse:

- A partir deste momento faz aquilo que quiseres! Mas, se te encontrases mal, nunca te venhas queixar aos teus pais. Tomara eu que os meus pais nunca me deixassem ir tão cedo para o mundo como me deixaram.

Mas a vida era outra. Depois ele começou-se a rir da palavra que lhe dei. A mãe começou a chorar e eu também. Estávamos a comer e as lágrimas a cair por baixo. Não esperava que ele tão cedo me deixasse. E tinha-me custado a ensiná-lo e já estava na cadeira para se governar. O meu filho andou em França 14 anos. Depois veio, juntou-se com o outro que estava em Lisboa e lá formaram uma sociedade, uma empresa: Sousa e Sousa, Lda., do concelho do Seixal. Mas depois apareceu-lhe uma doença na cabeça, que em pouco tempo deixou a terra.

Costumes As festas e as curas

Fatos da procissão

O santo padroeiro de Chãs d'Égua é São João Baptista. A festa é em Agosto. Era eu que fazia os fatos para a procissão. Havia anos que havia mais e havia anos que havia menos fatos. Naquele tempo, faziam fatos mas não era todos os anos. Era de vez em quando, quando havia necessidade.

Deixas da cura

Havia umas pessoas que tinham uma certa luz para curar uma ferida ou uma coisa qualquer. Diziam umas deixas, que ficavam de uns para os outros. As pessoas velhotas que tinham mais calo da vida sabiam um produto qualquer. Para curar uma ferida, é melhor isto, é melhor aquilo. E usavam. Achavam-se bem, continuavam a dar conselhos. E iam andando assim. Às vezes, torciam um pé, diz que iam coser o pé. Não sei como é que era, o que lhe punham. Era o "estrutagado". Quando aparecia uma doença qualquer, desconhecida, havia um homem no Piódão. Chamavam aquilo um barbeiro. Faziam receitas para a farmácia e eram atendidas. Eram aviadas, porque estavam dentro dos assuntos das doenças. Estudavam por livros, eram homens práticos daquilo. Esses homens que nos serviram a nós já são uma coisa fora de época. À medida que os médicos começaram a avançar para a província, já não consentiram. De maneira que depois foram morrendo e outros não quiseram seguir. Tinham filhos, podiam seguir, mas já ninguém lhes despertou aprender por aqueles livros velhos que tinham os pais, porque os médicos estavam sempre a cortar.

Lugar "*Esta aldeia é uma cidade*"

O mais novo tem 60

Em Chãs d'Égua o mais novo que está residente parece-me que é o Fontinha, que já tem ou já passa dos 60 anos. O resto foi tudo para Lisboa. A rapariga mais nova que havia era a minha filha. Acho que desde essa data não nasceu mais ninguém. E a minha filha já tem 45 anos. Onde é que já vai a mocidade desta terra... Mas na aldeia não havia onde se ganhar nada. Noutros tempos, ainda havia artistas. Os Chãs d'Égua estava composto de alfaiates, sapateiros, carpinteiros, um ferreiro e pedreiros também. Esta terra tinha todos os artistas. E agora não tem nada.

Estrada, luz e telefone

A primeira estrada, passou na parte de cima da aldeia, veio pela serra fora, e depois desceu. Já vai há volta de 50 anos. Mais tarde, veio uma do Piódão e depois uma da Vide para cima. Não sei bem em que altura chegou a luz. No tempo em que eu era alfaiate não a tínhamos. Para fazer serão, era tudo com um candeeirozito a petróleo. Foi um sacrifício. Aí é que eu estraguei a minha vista toda. Uma luz pequenina e a gente, às vezes, sabe Deus. Guardávamos as coisas para quando não houvesse tanta responsabilidade. E assim se foi andando. O telefone é que já o tenho em casa há 40 anos. Mas, uns oito anos antes de eu ter o meu, já havia o telefone público.

"Estou sossegado"

Para mim esta aldeia é uma cidade. É onde eu vivo e é onde vai ser o resto da minha vida. Eu gosto de Chãs d'Égua porque estou sossegado. Vou três dias por semana a Coimbra mas a gente só vem atrapalhada. Eu conheço Coimbra de 1929 para cá. Passei lá, em 1929, quando fui a pé de Santarém trabalhar. Fôramos tomar a camioneta de Vide para Coimbra. E depois, em Coimbra, fomos de comboio para o Entroncamento. De maneira que conheço Coimbra, mas o movimento daquele tempo e o movimento de agora é tão diferente, tão diferente. Agora a gente quer andar, não pode. Naquele tempo, havia uns eléctricos que faziam os transportes, carros viam-se poucos. Percorria-se tanta distância sem se

ver um carro. Agora eles coitados é "pipipi pipipi", todos querem passar e não há espaço para nada.

"Em Chãs d'Égua ninguém paga renda"

Escusava era de haver tanta emigração. Essa gente podia cá estar no continente e governarem cá a vida, escusavam de ir para aqueles lados. Mas o Portugal não dá trabalho a tanta gente. Tem de procurar a vida para um lado e para outro. A juventude é que dava o futuro. Para animar e confortar esta gente, era montar umas empresas aqui ou acolá. Não quer dizer que fossem nesta terra, porque este meio é pequenino, mas nestes meios maiores. Assim temos Coja, temos Pomares, que tem uma casa de confecções para mulheres. Anda aí um bombeiro que me costuma vir buscar, disse-me que trabalham lá 200 pessoas, 200 mulheres. É alguma coisa. Aquilo abrange quase a freguesia toda. Pelo que dizem é verdade. Muitas moças e mulheres casadas ali a trabalhar. Agora essas que estão fora, se houvesse nesta zona emprego, permaneciam por aí. A gente desta terra pensa que só em Lisboa é que se ganha dinheiro. Então, toca a andar para Lisboa. Se fosse na terra era uma vida, estavam em suas casas. Ainda agora em Agosto não havia uma casa que não tivesse gente. E assim agora está tudo fechado. Nesta aldeia ninguém paga renda de casa e todos têm casa. Tem cá as casitas guardadas para quando cá vêm estão naquilo que é deles, a viver.

Quotidiano "*Deixei de cavar aos 85*"

Eu reformei-me pela agricultura aos 65 anos, mas já me tinha deixado de alfaiate. De lá para cá, tinha umas cabritas, todos os dias ia deitar as cabritas para o campo um bocadito, roçar o mato e cultivar as batatas. Foi a última coisa de terra que cultivei, foram as batatas. Desde os 85 anos, que deixei de cavar a terra. A partir daí é que arrumei.

Sonhos "*O que não tenho não gostei de ter*"

Eu o que não tenho, o que não posso fazer, ou o que não está do meu lado, também não gostei de ter. E, naquilo que eu ponho as mãos ou que estou hábito para isso, faço com cuidado até tomar prática. O resto, o que não posso, não posso. No princípio ainda pensei ir para o estrangeiro. Fiz uma carta para mandar para um sujeito que estava no Brasil, para me mandar a carta de chamada de lá. E fui meter a carta no correio. Quando estava a fazer a carta a minha mãe começou

a chorar. Mas eu nem lhe dei ouvidos, nem olhos, nem coisa nenhuma. Fiz a carta e fui metê-la no correio. Quando eu pensava que ela já ia a caminho, a carta estava em casa. A minha mãe foi ao correio, levantou a carta e guardou-a. A crise do trabalho em Portugal era tanta que o que eu queria era trabalhar. Fazer alguma coisa ainda que o ordenado fosse baixo. Gostava de ganhar alguma coisa. Eu era o mais velho, os meus pais já não podiam, estavam assim um pouco inválidos, então tinham que ser os filhos. Coitados, eles também não podiam fazer tudo. Então, a minha mãe foi tirar-me a carta e disse:

- "Olha, que tu não esperes pela resposta."